

# O FIO CONDUTOR

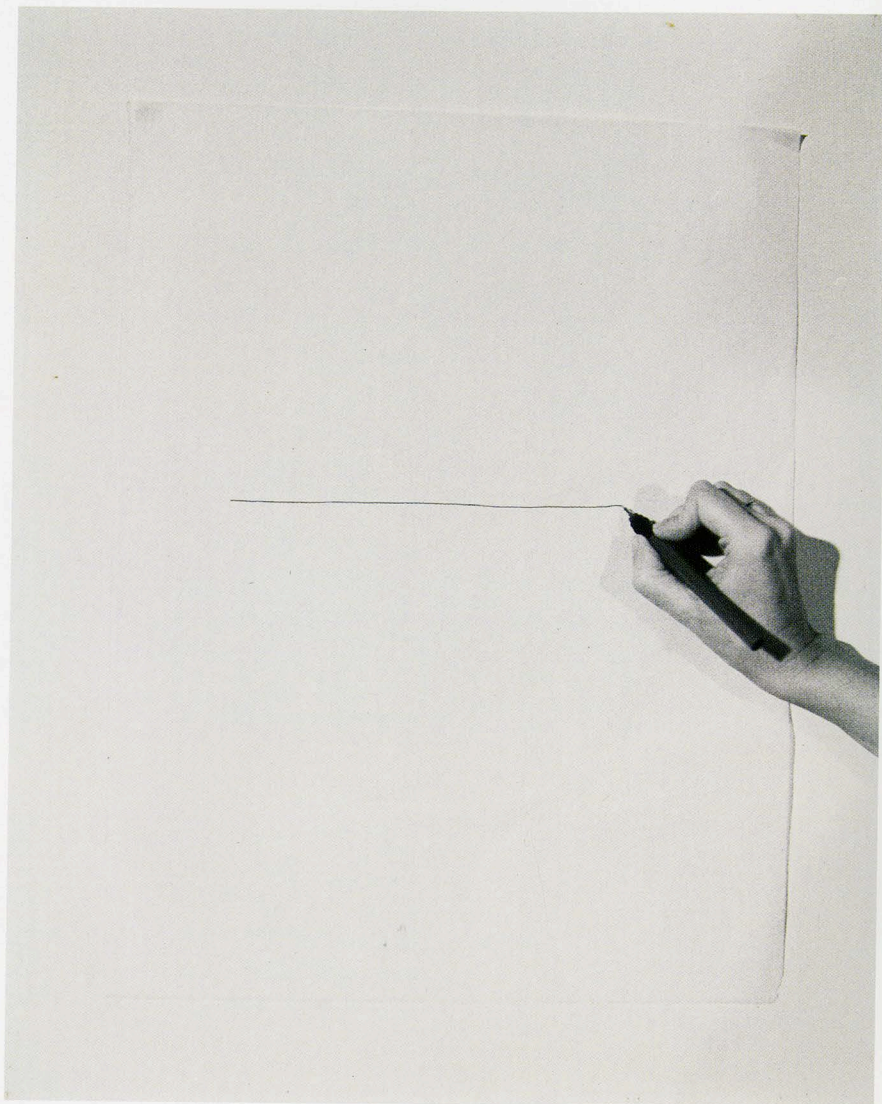
Desenhos da coleção do CAM

---

## THE RUNNING THREAD

Drawings from the CAM Collection





Helena Almeida, *Desenho Habitado*, 1977

# O FIO CONDUTOR

Desenhos da coleção do CAM

## THE RUNNING THREAD

Drawings from the CAM Collection

Alexandre Conefrey (Lisboa, 1961)

Ana Hatherly (Porto, 1929)

António Palolo (Évora, 1946 – Lisboa, 2000)

António Sena (Lisboa, 1941)

Artur Rosa (Lisboa, 1926)

Derek Boshier (Portsmouth, 1937)

Helena Almeida (Lisboa, 1934)

Joaquim Bravo (Évora, 1935 – Lisboa, 1990)

João Vieira (Vidago, 1934-2009)

Jorge Martins (Lisboa, 1940)

José Loureiro (Mangualde, 1961)


Pedro Calapez (Lisboa, 1953)

Rui Moreira (Porto, 1971)

Ruy Leitão (Washington DC, 1949 – Lisboa, 1976)

Teresa Henriques (Lisboa, 1978)

Zao Wou-Ki (Beijing, 1921)

 CENTRO DE ARTE MODERNA  
GULBENKIAN



**27 de fevereiro a 30 de abril de 2016**

February 27 to April 30 2016

Exposição organizada pelo CAM - Fundação Calouste Gulbenkian  
em colaboração com a Câmara Municipal de Ovar  
Exhibition organized by CAM - Calouste Gulbenkian Foundation  
in collaboration with the Municipality of Ovar

Galeria de Exposições – Centro de Arte de Ovar  
Segunda a sexta das 10h00 às 18h00  
Sábado das 10h00 às 13h30 e das 14h30 às 18h00  
Entrada Livre

Exhibitions Gallery - Ovar Art Centre  
Monday to Friday from 10.00 am to 6.00 pm  
Saturday from 10h00 to 1.30 pm and from 2.30 pm to 6.00 pm  
Free entry

Curadoria | Curator: Leonor Nazaré



## LINHAS DE FORÇA

O fio de **Helena Almeida** será o primeiro a conduzir-nos. A mão desenha a caneta uma linha que se materializa, por momentos, num fio de crina. O espaço do desenho é então habitado pelo corpo, e a fotografia permite registar as faces poética e literal dessa conquista volumétrica. O fio ganha espessura e torna-se pintura em **Jorge Martins**. É alargado e branco, ou carregado pelo negro em contrastes que o fundo cinzento valoriza. Num dos desenhos vemos ainda o fio muito fino com que iniciámos este percurso, pela mão de Helena Almeida. Mas o seu destino é aqui pictórico e geométrico.

A linha pode ser um segmento brusco, um excerto de recta que o espaço encurva ligeiramente, como nos três desenhos de **Joaquim Bravo**. A linha grossa e irregular, que marca três desenhos com um mesmo «carimbo», ladeia ou invade as formas como uma insistência rítmica, como um motivo inapelável.

Diante dos desenhos de grande formato de **Palolo**, pensamos facilmente nos cadernos escolares e nas suas linhas por preencher, em pautas musicais ou mesmo nas teclas de um piano. A linha é, neste caso, a estrutura visual de um suporte que indicia a escrita, mas onde esta não se inscreve, acolhendo antes o desvio, o arabesco, a mancha, a densidade da tinta e uma expressiva padronização.

O desenho de **Zao Wou-Ki** obriga-nos a uma paragem – a linha parece ter desaparecido para dar lugar à mancha. O que poderiam ser gestos enovelados, presentes num dos desenhos de Palolo, subjaz, sem se expor como traço, à progressão aérea destas folhas, ou nódoas ou sombras que se fixam a negro no fundo branco.

**Pedro Calapez** enovela totalmente os fios brancos e pretos do seu desenho azul. Essas correntes frágeis e abundantes invadem a superfície e perscrutam alguma profundidade de modo nervoso, vibrátil, relativamente informe e caótico. Com atenção, descobrem-se indícios de simetria: Ariadne não perdeu totalmente o seu fio.

O desenho de **Rui Moreira**, também a tinta-da-china, torna muito densas e encrespadas as linhas que correm verticais e se apinham de um lado ao outro da folha. Fundo e forma equivalem-se na definição de finas colunas de vértebras, em encaixes sucessivos e compactos, mas rendilhados.

Em **Dereck Boshier** as longas tiras voltam a ser nervuras ziguezagueantes, mas, neste caso, totalmente organizadas em função de uma simetria e de um contorno fechado. As cores muito vivas e contrastantes exponenciam o seu movimento, e a sensação de compressão é acompanhada pela de flexibilidade, apesar do perímetro a que a figura se restringe.

**José Loureiro** reconduz-nos à severidade da linha – faz com ela uma cortina corrida sobre o vazio, com que também a preenche. O plano horizontal e abstracto deste aglomerado é uma superfície tensa e estirada até ao limite, onde é obrigada a uma inflexão. O momento desse encurvamento absorve, como um vórtice, toda a nossa relação com o desenho, organiza a sua *Gestalt*.

Aos fios cruzados dos desenhos coloridos de **Ruy Leitão** é dada a ênfase da construção de um tecido colectivo, de uma extensa malha que se adensa e complexifica segundo uma lei de progressão ocultada. Por vezes, rasga-se na criação de espaço para um órgão, um território orgânico e torna-se permeável à cor.

Num outro conjunto de desenhos, as malhas desfizeram a sua tecedura e são sinais crípticos soltos, a preto, cruces discretas, pequenas bandeiras, lançadas ao acaso.

Pensar o trabalho de **António Sena** equivale a um mergulho no universo pré-linguístico, partilhável entre a intuição de alguns gestos e o impulso representativo ou simbólico. Os seus gráficos riscados a carvão por entre números apagados, fracções e outras anotações pouco perceptíveis são como páginas de projectos, esboços que planeiam ou registam a elevação de cada ideia, de cada coluna, de cada quantidade memorável.

Com a obra de **Teresa Henriques**, a questão dos materiais riscadores e da incisão do traço num suporte é convocada a partir da tridimensionalidade e da estilização: o dispositivo metálico figura, em escala amplificada, o gesto de escrever ou de traçar uma linha. Surge então a palavra, uma palavra em concreto, manipulada na sua ortografia (estensão e não extensão) de forma a sublinhar o verbo «ser» e o vocábulo «tensão».

A palavra e o número são um só nas letras desenhadas a espátula por **João Vieira**. É a qualidade pictórica e quase escultórica das letras que nos interpela. A parede de cada segmento de letra é definida com a pujança de um gesto expressionista e a contenção de uma intenção minimal. Contar, dizer e desenhar são uma mesma coisa, e a pintura irrompe nesse espaço.

O trabalho de **Ana Hatherly** é dos mais paradigmáticos em Portugal na assunção de uma síntese trazida à imagem entre a escrita e o desenho. A sua poesia visual ou os seus desenhos escritos são apropriações plenas da palavra como linha, do eco e da repetição como preenchimento e fluência, e o espírito da palavra define a natureza das formas, a sua deriva. A *Torah*, escrita num rolo como o livro a que se refere, figura a sua vocação de narrativa fundadora e transmissível nessa sequência lenta e maturada que Ana Hatherly faz pressentir no seu objecto.

A geografia e a geometria enquadram e consubstanciam várias manifestações da linha desenhada. Nos desenhos de **Alexandre Conefrey**, o chão deserto e inóspito, as árvores despidas pontuam um território mapeado pelos pontos cardeais, pelo nome de cidades assinaladas por pontos, setas, manchas pequenas e, mais uma vez, pela não-cor de uma terra também ela queimada. Num dos casos, a paisagem é ferida por fortes e breves incisões: fios que conduzem a sua própria corrente magnética do vazio à invisibilidade.

A evolução do triângulo de **Artur Rosa** na sua malha logarítmica converte uma possibilidade matemática numa proposta visual de grande qualidade poética. A malha metálica é o palco de um acontecimento abstracto absolutamente concreto: a rotação, a progressão e a distribuição de um triângulo, dando a ver a resistência da forma às vicissitudes da sua revelação no espaço linear. O desenho do artista sobre papel é ténue no traço e também ele quase sem peso. O triângulo inicia uma sequência de pirâmides encadeadas, a que serve de base.



O fio que até aqui nos conduziu foi início do desenho, manifestação da trama espacial, lugar de crescimento da pintura, enovelamento e gesto livre, agitação vibrátil, estiramento, percussão na paisagem, sinalética rudimentar e figuração da escrita. Foi alegoria da experiência de pensar, de riscar, de escrever, de estruturar e de contornar.

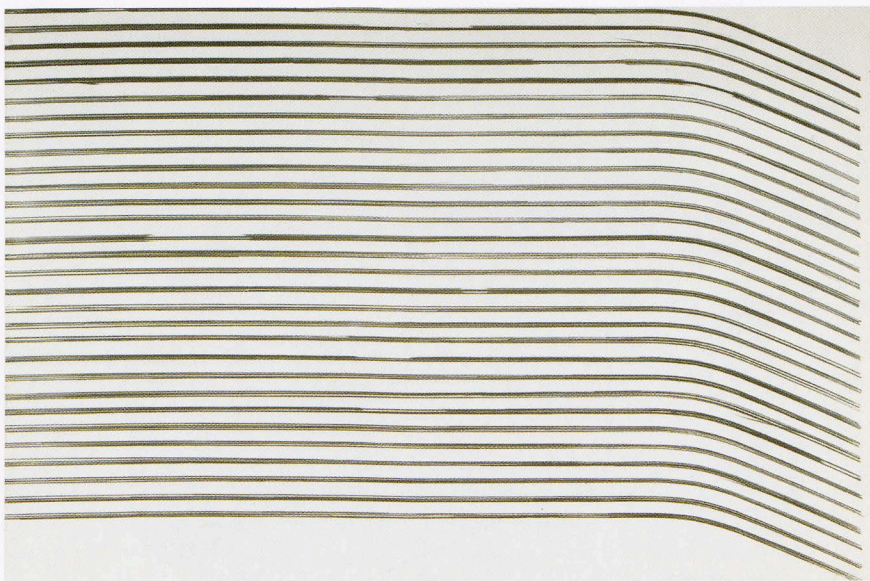
Há fios que nos ligam a nós próprios, aos outros, às paisagens e às ideias. Por ser inevitável, seguiremos a sua teia, fazendo e desfazendo os seus nós, tecendo as suas malhas, lendo os seus sinais e entrelinhas.

Leonor Nazaré

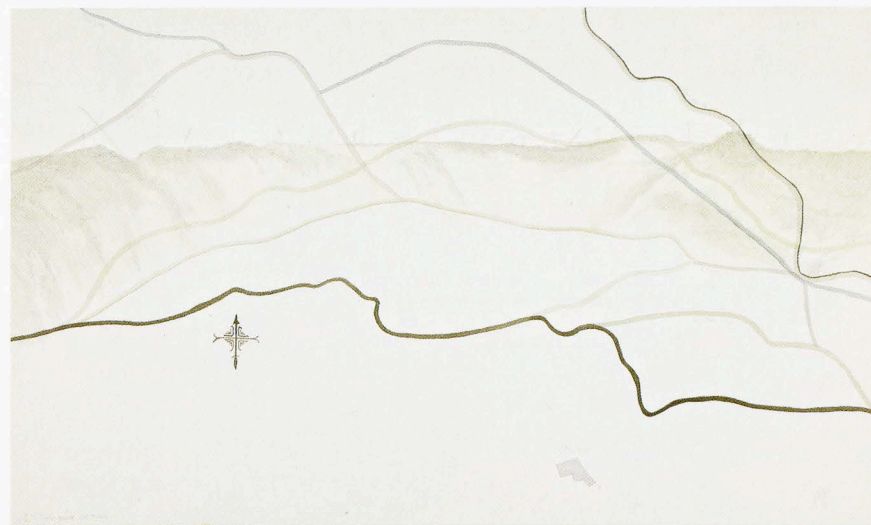
(este texto segue o acordo ortográfico de 1945)



Derek Boshier, *Sem Título (Untitled)*, 1965

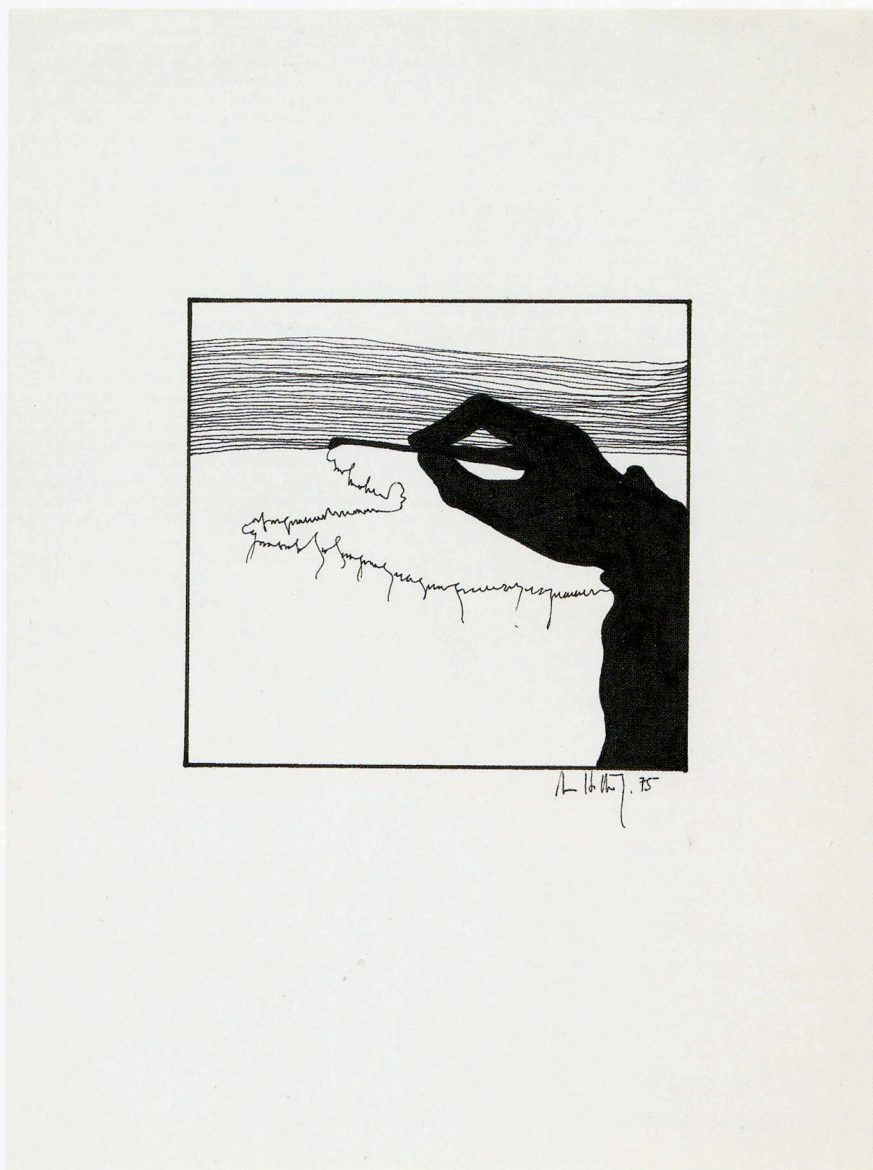


**José Loureiro**, *Sem Título (Untitled)*, 2004



**Alexandre Conefrey**, *A Oeste Nada de Novo*, 1999



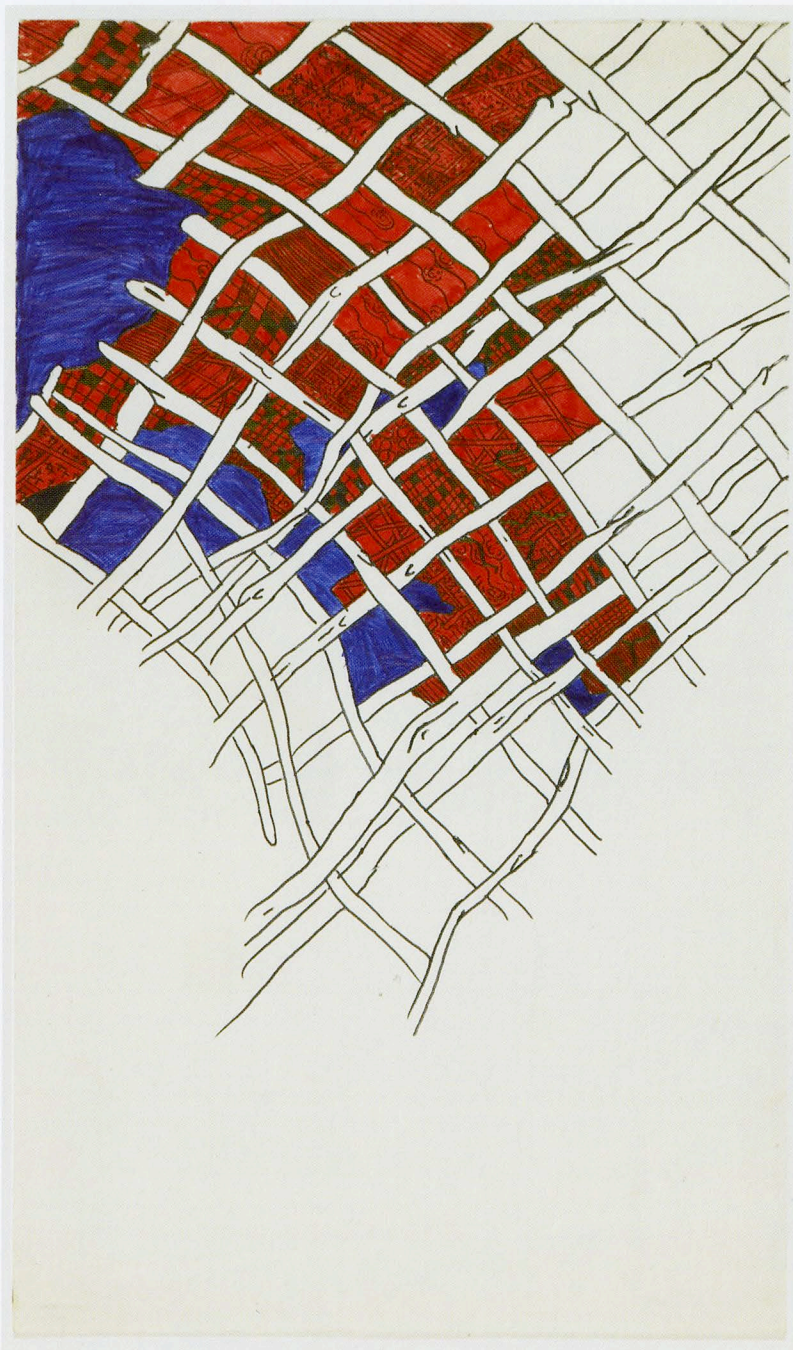


Ana Hatherly, *Metáfora da «Mão Inteligente»*, 1975



Zao Wou-Ki, *Sem Título (Untitled)*, 1984





Ruy Leitão, *Sem Título (Untitled)*, n.d.

## LINES OF FORCE

**Helena Almeida's** thread is the first to lead us. The hand draws a line that momentarily materializes into horsehair thread. The space of the drawing then becomes inhabited by the body, and photography allows us to record the literal and poetic aspects of this volumetric conquest.

Thicker, the thread becomes painting with **Jorge Martins**. It is wider and white, or emboldened by the black pigment in contrasts enhanced by the grey background. In one of the drawings, we recognize the thin thread with which we began this journey through the hand of Helena Almeida. But, here, the destiny of this thread is pictorial and geometrical.

The line can be a brutal segment, the lightly curving excerpt of a straight line, as in the three drawings by **Joaquim Bravo**. The thick and irregular line stamps three drawings with the same «seal», running parallel or invading shapes with rhythmic insistence, as a motif which cannot be appealed.

Placed before **Palolo's** large scale drawings, one easily recalls school notebooks and their unfilled lines, in musical sheets or even in piano keys. In this case, the line is the visual support structure that indicates writing, but where it is not inscribed. Instead, it welcomes deviation, arabesque, dots, the density of the paint and an expressive standardization.

**Zao Wou-Ki's** drawing brings us to a halt the line seems to have disappeared, replaced by the dot. What could be entangled gestures, in one of Palolo's drawings, underlies without exposing itself as a line the aerial progression of these sheets, stains or shadows fixated in black over the white background.

**Pedro Calapez** entangles the white and the black threads of his blue drawing completely. These fragile and abundant chains invade the surface and scan for some depth in a nervous, resonant, relatively formless and chaotic manner. With a closer look, evidence of symmetry can be found: Ariadne hasn't totally lost her thread.

The vertical lines that throng from one side to the other of the sheet in **Rui Moreira's** drawing, also in Indian-ink, are quite dense and curly. Form and substance come together in the definition of thin *vertebrae* columns, in consecutive and compact, yet laced, junctions. In **Dereck Boshier**, the long stripes become zigzagging nerves again, but, in this case, completely organized in function of symmetry and of a close outline. The lively and contrasting colors compound its movement and the sensation of compression is followed by that of flexibility, in spite of the figure's restrictive perimeter.

**José Loureiro** brings us back to the strictness of the line – making with it a closed curtain over the void which also fills it. The horizontal and abstract level of this cluster is a tense surface stretched to the limit, where it is forced to an inflexion. The moment of this curve absorbs, like a vortex, all our relations with the drawing, and organizes its *Gestalt*.



The crossed threads of **Ruy Leitão**'s colorful drawings are emphasized by the construction of a collective drawing, of a large mesh that becomes thicker and more complex according to a hidden progression law. Sometimes it tears, creating space for an organ, an organic territory and becomes permeable to color. In another set of drawings the meshes have undone their weaving and are loose cryptic signs, in black, discreet crosses, small flags, thrown by chance. Thinking about **António Sena**'s work is the equivalent of diving into a pre-linguistic universe, shareable through intuition of some gestures and impulse whether representative or symbolic. His charcoal-scratched graphics between erased numbers, fractions and other imperceptible annotations are like pages of projects, sketches, that plan or register the elevation of each idea, each column, each memorable quantity.

With the work of **Teresa Henriques**, the issue of scratching materials and the incision of the line on a medium is evoked through three-dimensionality and sterilization: the metallic device figurates, in an amplified scale, the gesture of writing or drafting a line. Arises then a word, a real word, manipulated in its Portuguese spelling for the word extension (*extensão* and not *extensão*) as to underline the verb *ser* (to be) and the word *tensão* (tension). Word and number come together as one in the letters spatula-drawn by **João Vieira**. Our eye rests on the pictoric, almost scultoric quality of the letters. The wall of each letter segment is defined with the firmness/strength of an expressionist gesture and the contention of a minimal intention. To count, to say, to draw are the same thing, and the paint breaks through that space.

In Portugal, **Ana Hatherly**'s work is one of the most paradigmatic in the assumption of the synthesis brought to the image between writing and drawing. Her visual poetry or her written drawings are full appropriations of the word as line, echo and repetition as filling and fluency, and the spirit of the word defines the natures of the shapes, its origins.

The *Torah*, written in a scroll-like the book it accounts to, figures her founding and transmissible narrative vocation in that slow and matured sequence that Ana Hatherly makes palpable in her object.

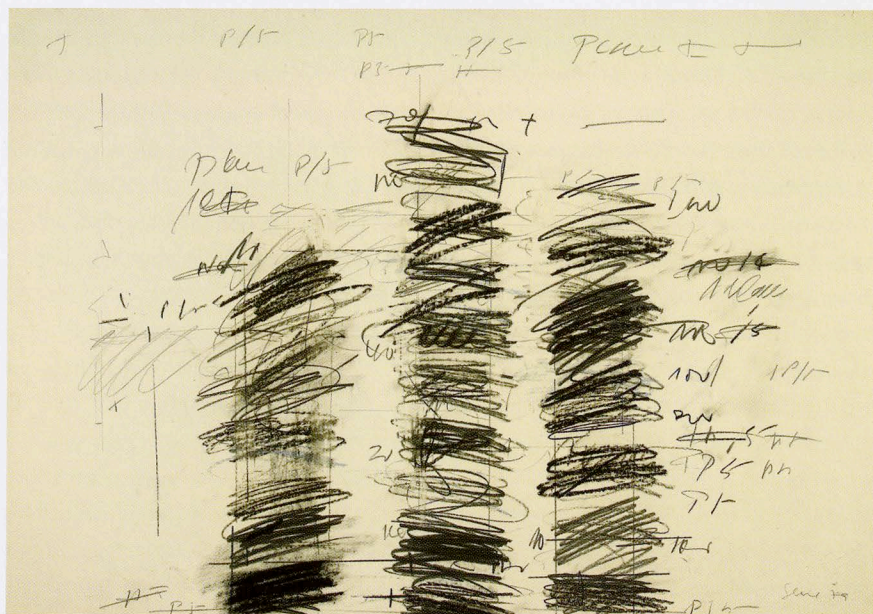
Geography and geometry embody several manifestations of the drawn line. In **Alexandre Conefrey**'s drawings, the deserted and inhospitable floor, the naked trees, punctuate a territory mapped by the four cardinal points, by the name of cities marked with dots, arrows, circles and, once more, by the non-color of an also burnt land. In one of the cases, the landscape is hurt by strong and brief incisions: threads that carry their own magnetic current from the void to invisibility.

The evolution of **Artur Rosa**'s triangles in their logarithmic mesh converts a mathematical possibility into a visual proposal of great poetic quality. The metallic mesh is the stage for an absolutely concrete abstract event: rotation, progression and the distribution of a triangle, showing the resistance of the form to the vicissitudes of its revelation on the linear space. The artist's drawing on paper displays a faint stroke and is nearly weightless itself.

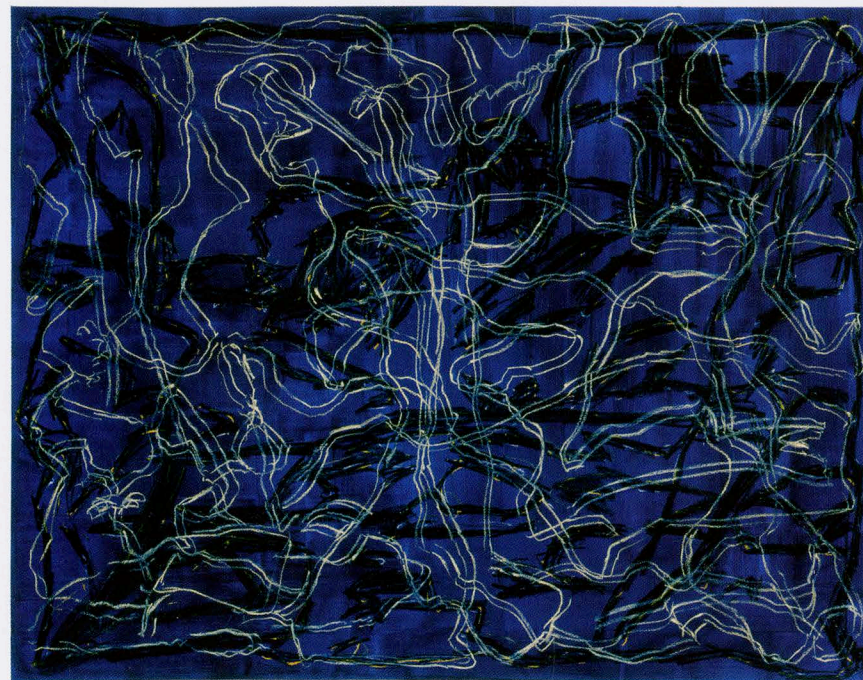
The triangle begins a sequence of chained pyramids, to which it serves as a base. The thread that brought us here was the beginning of a drawing, a manifestation of the spatial weft, a place where the painting grew, entanglement and free gesture, vibrating agitation, stretching, percussion on the landscape, basic sign and figuration of writing. It was an allegory of the experience of thinking, scratching, writing, structuring and outlining. Some threads connect us to ourselves, to others, to landscapes and to ideas. Because it is unavoidable, we follow their web, making and unmaking their knots, weaving their meshes, reading their signs and between the lines.

Leonor Nazaré





**António Sena, *Desenhador*, 1979**



**Pedro Calapez, *Cena doméstica n.º 32*, 1998**





João Vieira, *Quatro*, 1975

## EXPOSIÇÃO: TRÊS APRESENTAÇÕES

### EXHIBITION: THREE VENUES

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

21-1 / 11-4, 2010

Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Paris

27-4 / 21-5, 2010

Centro de Arte de Ovar

27-2 / 30-4, 2016

Curadoria

Curator

Leonor Nazaré

Coordenação Técnica

Technical Co-ordination

Cristina Sena da Fonseca

Registrar

Rosário Ricardo

Secretariado

Assistants

Lúcia Morais

Rosário Lourenço

Design Gráfico

Graphic Design

Pedro Leitão

Produção Gráfica

Graphic Production

Paulo Santos

## CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Curadoria

Curator

Leonor Nazaré

Tradução

Translation

Inês Brandão

Revisão de texto

Proofreading

Conceição Candeias

Design

Graphic design

Pedro M. Leitão

Fevereiro 2016 | February 2016

## EDUCAÇÃO | EDUCATION

Oficinas exploratórias a partir da exposição,  
de 27 de Fevereiro a 30 de Abril.

Lotação máxima por oficina 25 crianças  
M/4

Participação gratuita mediante  
inscrição prévia para o e-mail:  
[caovar@cm-ovar.pt](mailto:caovar@cm-ovar.pt)

## O FIO CONDUTOR

Para que servem os fios, as linhas, os traços  
e os riscos? Podemos construir um mundo nosso,  
cruzando isto tudo?

A partir da exposição "O Fio Condutor" propomos  
uma visita exploratória, seguida de uma oficina  
emaranhada.



## Centro de Arte de Ovar

Rua Arq. Januário Godinho

3880-152 Ovar

Tel: +351 256 509 160

Email: [caovar@cm-ovar.pt](mailto:caovar@cm-ovar.pt)

Site: <http://cao.cm-ovar.pt>



## CENTRO DE ARTE MODERNA GULBENKIAN

## CAM - Fundação Calouste Gulbenkian

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa

Tel: +351 21 782 34 74

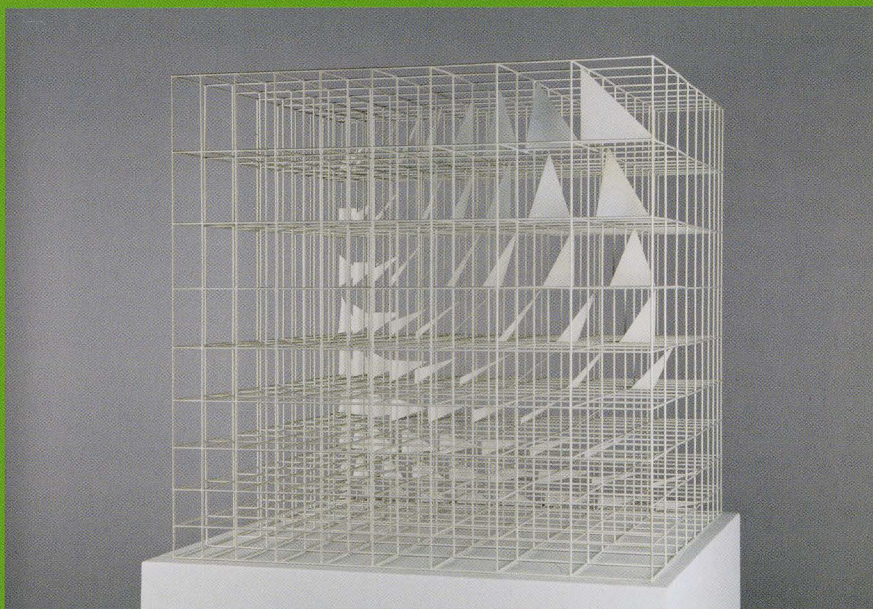
De 4ª feira a 2ª feira das 10h00 às 18h00

Wednesday to Monday from 10am to 6pm

Encerra às 3ª feiras

Closed on Tuesdays





**Artur Rosa**, *Evolução de um Triângulo numa Malha Logarítmica*, 1966

**Joaquim Bravo**, *Sem Título (Untitled)*, (c. 1974)

FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

VISITE A COLEÇÃO DO CAM EM  
EXPLORE CAM'S COLLECTION AT

[www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)

Av. de Berna, 45A  
1067-001 Lisboa  
[www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)